UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

TIAGO BOTASSIN

O TEATRO COMO LÓCUS PARA INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

SÃO CARLOS
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

TIAGO BOTASSIN

O TEATRO COMO LÓCUS PARA INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de licenciado em Educação Especial, junto ao Departamento de Psicologia e ao Curso de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Cristina Broglia Feitosa de Lacerda

SÃO CARLOS
2016

AGRADECIMENTOS

Ao longo da vida passamos por diversas situações e experiências que nos aproximam ou nos distanciam de inúmeras pessoas, gostaria de deixar aqui os meus sinceros agradecimentos às pessoas que permitiram essa aproximação e fizeram com que a jornada da graduação fosse inesquecível:

À Prof. Dra Cristina Lacerda. Por ter aceitado orientar um trabalho com tema totalmente distante da sua linha de pesquisa e por ter tido paciência com os prazos e dificuldades que encontrei durante a elaboração do trabalho. Gostaria ainda de deixar meu sentimento enquanto aluno, pois sem dúvida alguma, suas aulas foram o auge da graduação.

À Prof. Dra Karina Lupetti e ao Grupo Olhares. Por terem me acolhido no Departamento de Química quando as portas em meu próprio departamento se fecharam. Por terem me mostrado um lado do teatro que eu não conhecia e por ter despertado a vontade de trabalhar com teatro inclusivo. Com certeza é o que farei depois de formado.

Aos meus pais Nelson e Joana Botassin. Sem vocês nada disso seria possível. Agradeço imensamente pelo apoio e credibilidade depositados em mim. Não há palavras para descrever o amor que sinto por vocês, obrigado por serem meus pais.

Aos meus amigos. Leticia Ferreira do Valle, Julia Neta, Zildmara Rodrigues, Willians Indalécio, Gabriela Berribile, Anna Camila, Patricia Fugi, Viviane Macedo, Lucas Ferreira, Bianca Campos, Paulo Zorel, Alexandre Focchi, Tales Moreira, Diego Coelho por terem me proporcionado momentos de muita diversão, risadas e lágrimas. Em especial ao Diego Carvalho, que além de ser um grande amigo é um profissional dedicado e motivador, sempre me apoiando em momentos de dúvidas ou desespero. À Karen Godoy, minha amiga, irmã e companheira, que me apoiou em todos os momentos dessa graduação, desde um porre seguido de sertanejo e lágrimas até um carro imaginário, conduzido por nós, palhaços, no posto de gasolina.

Ao Leonardo Barbosa dos Santos. Pelas palavras de incentivo e carinho, por todo apoio e paciência nesse período decisivo da graduação. Seu apoio foi fundamental para a conclusão desse trabalho e para essa caminhada na reta final. Espero poder contar com isso por muitos e muitos anos.

RESUMO:

Pretende-se com o presente estudo investigar o uso do teatro como ferramenta para a inclusão social de pessoas com deficiência visual. A pesquisa teve como foco um grupo de teatro que tinha a participação de videntes e atores cegos e com baixa visão formado a partir de um projeto de extensão em uma universidade do interior do estado de São Paulo. Buscou-se identificar as transformações causadas pelo teatro na vida dos integrantes desse grupo, tal como a sua convivência e participação em grupos sociais antes e depois de ingressarem no projeto. Participaram do estudo três atores e uma atriz com idade entre 27 e 56 anos de idade. A pesquisa aponta que o teatro pode contribuir de forma significativa para a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas no que diz respeito à socialização e a participação em atividades artísticas que geralmente são restritas a um público que não apresenta deficiência visual.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial. Teatro. Deficiência visual. Inclusão.

Sumário

1. INTRODUÇÃO 9
2. DEFICIÊNCIA VISUAL 11
3. USO DO TEATRO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL 16
4. ESTUDOS SOBRE TEATRO E DEFICIÊNCIA 23
5. MÉTODO 30
5.1 PARTICIPANTES 30
5.2 ENTREVISTA 30
6. A experiência no Grupo Olhares e as pessoas com deficiência visual 32
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS 39
8. REFERÊNCIAS 41
9. APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS 44

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Relação dos descritores utilizados na busca por pesquisas nas plataformas Scielo e Banco de Teses da CAPES. 20
Tabela 2 – resultados da busca no Scielo. 21
Tabela 3 – resultados da busca no Banco de Teses da CAPES. 21
Tabela 4 – resultados encontrados na busca na plataforma Scielo. 22
Tabela 5 – resultados encontrados no Banco de Teses da CAPES. 23
Tabela 6 – Participantes da Pesquisa 27

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Comparação entre a busca nas duas plataformas. 22
Gráfico 2 – quantidade de publicações por ano. 25
Gráfico 3 – quantidade de publicações por Instituição. 26

Lista de Siglas e Abreviaturas

AEE - Atendimento Educacional Especializado

CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

PAEE - Público Alvo da Educação Especial

PNEEPEI - Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva

UECE - Universidade Estadual do Ceará

UEL - Universidade Estadual de Londrina

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

UFMS - Universidade federal do Mato Groso do Sul

UFPA - Universidade Federal do Pará

UFRJ - Universidade federal do Rio de Janeiro

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está inserida em um projeto de extensão da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), intitulado “Ciência, arte e inclusão: desenvolvendo metodologias para inclusão de pessoas com deficiência visual”. Esse projeto foi aprovado pelo Edital de Apoio à Realização de Atividades de Extensão na Universidade Federal de São Carlos, sob a coordenação de André Farias de Moura, Professor Doutor do Departamento de Química, ele segue a linha programática de Produção e Difusão de Material Educativo. Essa linha, classificada pelo CNPq dentro da grande Área de Ciências Exatas e da Terra, busca produzir “livros, cadernos, cartilhas, boletins, folders, vídeos, filmes, fitas cassete, CDs, artigos em periódicos, etc, de apoio às atividades de extensão. ”

No início, os objetivos centrais do projeto eram desenvolver materiais didáticos alternativos e adaptados para ensinar ciências, em particular, química, física e biologia para pessoas com deficiência visual e de contribuir para a formação inicial de professores nessa área de trabalho envolvendo a Educação Especial.

O público alvo desse projeto eram professores da rede básica de ensino, pessoas com deficiência visual e alunos da licenciatura, e a equipe de trabalho contava com cinco bolsistas alunos de graduação da Universidade Federal de São Carlos.

> “O principal objetivo desse projeto (OUROBOROS) é o desenvolvimento de materiais adaptados para o ensino de ciências, entre elas, física, química e biologia, e matemática para alunos com deficiência visual no ensino fundamental e médio das escolas da rede de São Carlos. Além do mais vivências e metodologias serão testadas para que o grupo de deficientes visuais possa aproveitar ao máximo o projeto de inclusão proposto pelo Núcleo Ouroboros, dentre elas, teatro e música, os quais serão utilizados para criação de material midiático veiculado em teatros e pela rádio UFSCar.” (Disponível em: http://www.ufscar.br/ouroboros/cienciainclusao.html)

Dentro do projeto mais amplo, existe o “Grupo Olhares: atividades culturais inclusivas”, que surgiu em 2009 de uma proposta do Ouroboros em parceria com a Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos para homenagear o bicentenário de Louis Braille. O Grupo Olhares é um grupo de teatro com atores cegos e com baixa visão que trabalha a divulgação científica através da arte de interpretar.

A ideia de realizar essa pesquisa surgiu do convívio com os integrantes com deficiência visual do grupo Olhares. Percebeu-se a necessidade de discussão acerca de como o teatro tem influenciado esses integrantes.

Muito se fala em âmbito acadêmico sobre o ensino a jovens e adultos público alvo da educação especial, porém pouco se fala sobre instâncias não escolares. Devido aos integrantes do Grupo (PAEE) Olhares não estarem mais em idade escolar, percebeu-se a importância de trazer este assunto para dentro da realidade acadêmica. Trabalhar com pessoas PAEE tem se mostrado um desafio docente a ser superado. Trabalhar com pessoas PAEE em idade adulta tem se mostrado um desafio ainda muito maior.

Devido a isso, surgiu o questionamento sobre se o teatro pode promover a inclusão social do deficiente visual. É isso que tentamos descobrir ao desenvolver essa pesquisa.

2. DEFICIÊNCIA VISUAL

Antes de continuarmos com o trabalho, é importante conceituarmos o que se entende por deficiência visual em diversos âmbitos. Segundo a cartilha do Ministério da Cultura (MEC) intitulada "Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Visual",

> A cegueira é uma alteração grave ou total de uma ou mais das funções elementares da visão que afeta de modo irremediável a capacidade de perceber cor, tamanho, distância, forma, posição ou movimento em um campo mais ou menos abrangente. Pode ocorrer desde o nascimento (cegueira congênita), ou posteriormente (cegueira adventícia, usualmente conhecida como adquirida) em decorrência de causas orgânicas ou acidentais. Em alguns casos, a cegueira pode associar-se à perda da audição (surdocegueira) ou a outras deficiências. Muitas vezes, a perda da visão ocasiona a extirpação do globo ocular e a conseqüente necessidade de uso de próteses oculares em um dos olhos ou em ambos. Se a falta da visão afetar apenas um dos olhos (visão monocular), o outro assumirá as funções visuais sem causar transtornos significativos no que diz respeito ao uso satisfatório e eficiente da visão. (BRASIL, 2000)

Apesar das classificações que vemos comumente, a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) (BRASIL, 2008) nos traz que

> Os estudos mais recentes no campo da educação especial enfatizam que as definições e uso de classificações devem ser contextualizados, não se esgotando na mera especificação ou categorização atribuída a um quadro de deficiência, transtorno, distúrbio, síndrome ou aptidão. Considera-se que as pessoas se modificam continuamente, transformando o contexto no qual se inserem. Esse dinamismo exige uma atuação pedagógica voltada para alterar a situação de exclusão, reforçando a importância dos ambientes heterogêneos para a promoção da aprendizagem de todos os alunos. [...]considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental ou sensorial que, em interação com diversas barreiras, podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade. (BRASIL, 2008)

Já Oliveira e Nunes nos trazem outra definição para a deficiência visual

> Existem várias definições para a cegueira, pois esta reúne pessoas com vários graus de visão residual. A cegueira, quando ocorre desde o nascimento, é considerada congênita e posteriormente a este, cegueira adquirida. A cegueira total ou amaurose pressupõe a completa perda da visão, nestes casos nem a percepção luminosa existe. Assim, a cegueira é uma deficiência visual, mas existem os mais variados graus de deficiência visual e sua expressão também varia enormemente dependendo de fatores que vão além do simplesmente fisiológico, mas que envolvem aspectos emocionais e da aprendizagem (Conde, 2005; Amorim, 2006 apud OLIVEIRA, NUNES, 2015, p. 890)

Estes mesmos autores destacam que ao falarmos sobre a deficiência visual, não podemos considerar somente os aspectos fisiológicos. Há também fatores sociais, políticos, afetivos,

sociológicos, artísticos, educacionais e tecnológicos que devem ser discutidos juntamente com as condições físicas. Todos esses fatores influenciam no desenvolvimento pessoal do indivíduo (OLIVEIRA, NUNES, 2015).

> Pessoas que não dispõem da visão, mas que receberam cuidados, educação e oportunidades de participar da vida social e cultural possuem um desenvolvimento diferenciado e superior àqueles que não tiveram as mesmas oportunidades (AMORIM, 2006; KASTRUP, SAMPAIO, ALMEIDA & CARIJÓ, 2009 apud OLIVEIRA, NUNES, 2015, p. 890)

A trajetória da educação das pessoas com deficiência visual no Brasil remonta do século XIX.

> Remonta a agosto de 1835 a primeira demonstração oficial de interesse pela educação das pessoas portadoras de deficiência visual em nosso país, quando o Conselheiro Cornélio Ferreira França, deputado pela Província da Bahia, apresentou à Assembléia Geral Legislativa projeto para a criação de uma "Cadeira de Professores de Primeiras Letras para o Ensino de Cegos e Surdos-Mudos, nas Escolas da Corte e das Capitais das Províncias", não aprovado, por ser fim de mandato e seu idealizador não ter sido reeleito. (LEMOS, FERREIRA, 1995, s.p)

Lemos e Ferreira nos mostram que a primeira iniciativa em prol da educação das pessoas com deficiência visual foi 1835, porém sem sucesso devido aos entraves políticos. Embasado por suas experiências no Instituto Imperial dos Jovens Cegos[1], o jovem cego José Alvares de Azevedo lutou pela educação das pessoas com deficiência visual no Brasil, escrevendo em jornais e ministrando aulas particulares para as pessoas interessadas na educação desses alunos. O contato com o Dr. José Francisco Xavier Sigaud fez com que os dois conseguissem levar o tema da educação dessas pessoas ao Imperador D. Pedro II. Orientados pelo próprio Imperador, eles levaram à Assembleia Geral Legislativa, em 1853, a proposta de criar uma escola para pessoas cegas. Assim, em 17 de setembro de 1854, criou-se o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, localizado na cidade do Rio de Janeiro (LEMOS, FERREIRA, 1995).

O Instituto foi aberto com 30 vagas, delas apenas 10 eram totalmente gratuitas, e tinha um foco educacional, voltado aos alunos com deficiência visual. A criação do Instituto rapidamente virou assunto dos canais midiáticos da época.

[1] O Instituto Imperial dos Jovens Cegos era uma instituição idealizada por Valentin Hauy, e localizada na França. A escola é conhecida por contar com Louis Braille, onde o mesmo desenvolveu o Sistema Braille. (LEMOS, FERREIRA, 1995)

> O Instituto tem por fim educar meninos cegos e prepará-los segundo sua capacidade individual, para exercício de uma arte, de um ofício, de uma profissão liberal. É pois uma casa de educação e não um asilo, e muito menos um hospício; uma tríplice especialidade, música, trabalhos, ciência, eis o que constitui sua organização especial. (Jornal do Comércio, número 2.419, de 20 de setembro de 1854 apud LEMOS, FERREIRA, 1995, s.p)

Podemos ver a necessidade que o jornal teve em frisar que o Instituto se tratava de um local que visava educar as pessoas com deficiência visual, e não se tratava de apenas um asilo ou hospício, onde os alunos não teriam um atendimento educacional. O Instituto se comprometia em educar e preparar os seus alunos respeitando suas capacidades individuais, por meio da arte, trabalho e ciência. Com esses três pilares, podemos ver que eles prezavam o trabalho com as artes, com a profissionalização de seus alunos e com o conteúdo pedagógico curricular, através do ensino das ciências.

> A gestão do Dr. José Francisco Xavier Sigaud, embora muito profícua, foi bastante curta, já que veio a morrer em 10 de novembro de 1856. Ainda assim, no âmbito interno, estruturou os cursos, dando relevo à alfabetização e ao ensino de algumas profissões, então consideradas compatíveis com a cegueira. Externamente, coube-lhe a árdua tarefa de lutar contra as barreiras erguidas por aqueles que, movidos por seus preconceitos, viam na educação de pessoas cegas uma grande utopia. Promoveu, para tanto, campanhas publicitárias sempre acompanhadas de demonstrações públicas do aproveitamento de seus alunos. (LEMOS, FERREIRA, 1995, s.p)

O Instituto lançou-se então a contratar profissionais que ensinassem alguns ofícios para seus alunos, como: empalhador de cadeiras, tamanqueiro, torneiro, encanador e costureira. O Instituto também entendia que nem todos os alunos estariam aptos a realizar as atividades intelectuais, tanto pelas suas limitações individuais quanto pela dificuldade em encontrar um trabalho fora da instituição, devido aos preconceitos sociais. Os conteúdos acadêmicos trabalhados com os alunos eram a gramática da língua portuguesa, geografia, física, geometria, álgebra, ciências naturais (aulas das quais as alunas não podiam participar). A proposta do Instituto era que até o 5º ano todos os alunos já deveriam saber a gramática da língua portuguesa e da francesa (LEMOS, FERREIRA, 1995).

Benjamin Constant assumiu a direção do Instituto na década de 1860, e, como a demanda pela matrícula de alunos na instituição só crescia, ele instalou o Instituto na Av. Pasteur, no bairro da Urca, estimando receber, até 1870, 12.000 pessoas com deficiência visual de todo o país. O interesse de Benjamin Constant pela educação dos alunos com deficiência visual era tão

notável que ele foi nomeado como Ministro da Guerra, e logo após, como Ministro dos Correios e Instrução Pública. Ele enviou à Europa uma comissão que tinha a missão de estudar e trazer para o Brasil as tecnologias mais modernas para complementar o aparelhamento pedagógico da instituição. Em 24 de janeiro de 1891, através do Decreto nº 1.320, o Imperial Instituto dos Meninos Cegos passou a se chamar Instituto Benjamin Constant (LEMOS, FERREIRA, 1995).

Aos poucos, outras escolas especiais para o atendimento da pessoa com deficiência visual foram criadas em todo o país e estas instituições desenvolveram um saber frente à educação de cegos e deficientes visuais que é foco de interesse até hoje. Contudo, atualmente no Brasil, temos vigente a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI) (BRASIL, 2008) que preconiza que as escolas comuns têm o dever de oferecer atendimento educacional de qualidade aos alunos PAEE[2].

> Essa nova política traz o Atendimento Educacional Especializado (AEE) como forma de apoio para os alunos público alvo da educação especial nas escolas regulares. Eles frequentariam as aulas e, no contraturno, frequentariam o AEE com um profissional especializado na área da educação especial. Mas frisa-se que os municípios e os estados detém de liberdade para o manuseio e forma de aplicação dessa lei. Assim temos várias formas de se abordar a educação especial nas escolas. (CARVALHO, 2014, p.15)

Essa nova proposta de educação aos alunos público alvo da educação especial fez com que a forma de educar esse alunado se fizesse presente nas discussões acadêmicas e informais do conjunto dos profissionais da educação. No país, a educação desses alunos era feita quase que exclusivamente pelas instituições especializadas, fazendo com que eles não frequentassem as escolas regulares com os demais. E essa maneira segregatória continuou até que algumas leis entrassem em vigor para assegurar que esses alunos também pudessem frequentar as escolas regulares. Algumas leis como a Declaração de Salamanca (1994), a Política Nacional da Educação Especial (1994) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)(1996) asseguram esse direito aos alunos.

É importante traçarmos esse breve panorama sobre a legislação que envolve a educação dos alunos público alvo da educação especial, pois ela é um dos fatores que mais influenciam na inclusão desses alunos na sociedade atual. A escola é um dos pilares da sociedade onde quase toda a população deve ser inserida em determinados momentos de sua vida. Se formos pensar

[2] O público alvo da educação especial (PAEE) é definido pela PNEEPEI como alunos com deficiência, altas-habilidades/superdotação ou transtornos globais do desenvolvimento. (BRASIL, 2008)

na inclusão social desses indivíduos, é importante refletir sobre a importância desse debate para seu desenvolvimento e participação social.

3. USO DO TEATRO COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

A inclusão social se dá através da participação ativa nos diversos grupos de convivência social, seja na escola, em família, no parque ou no trabalho. No caso das pessoas com deficiência visual essa relação não é tão simples quanto parece, geralmente o meio não oferece condições para que essa interação aconteça, seja por falta de acessibilidade arquitetônica ou por falta de conhecimento sobre essa especificidade e isso pode ocasionar um distanciamento entre as pessoas envolvidas nessa relação.

> "Segundo Amiralian (1986) e Amaral (1994), as pessoas cegas são isoladas ou tratadas de forma diferente em suas relações interpessoais, pois, pela sua própria condição, constituem uma ameaça às normas e aos valores estabelecidos. Por esse motivo, as pessoas videntes não sabem como se relacionar com aqueles que perderam a visão." (FRANCO, DENARI, 2011, s.p)

Para que seja efetiva a inclusão social, devem ser criadas estratégias para que nem o deficiente visual se sinta incapaz de realizar determinada atividade e nem o indivíduo sem deficiência se sinta incapaz de interagir com o outro por receio devido à deficiência.

Segundo Carrol (1968) e Amaral (1994), quando a pessoa cega é vista ou tratada como alguém que precisa de cuidados, ou quando suas atividades rotineiras são valorizadas como se ela fosse uma heroína, tais atitudes revelam entendimentos de uma compensação da deficiência pautada ora em sentimentos de pena, ora de supervalorização de suas ações. A educação inclusiva vem tentando buscar uma maneira de fazer com que as pessoas com deficiência tenham um espaço na sociedade como cidadãos, com suas capacidades e limitações. Antes as pessoas com deficiência não podiam frequentar a escola, então elas tinham poucas perspectivas de conseguir um trabalho e de conseguirem ser aceitas pela sociedade. Hoje em dia ainda existe muito preconceito em relação à deficiência, mas também existem muitas iniciativas para a inserção dessas pessoas no mercado de trabalho, essas iniciativas contribuem para que essa parte da população, de certa forma, alcance espaços importantes da vida social. O contato estabelecido entre os alunos PAEE e os alunos sem deficiência durante o período escolar pode

quebrar a visão preconceituosa existente na sociedade, cabendo aos educadores mediarem essa relação de forma que se respeitem as diferenças entre esses alunos (FRANCO, DENARI, 2011).

> A proposta da educação inclusiva não trata de colocar na escola regular parcelas de alunos da educação especial, mas, oferece oportunidades para que todas as crianças tenham possibilidades reais de construção do seu conhecimento, interagir com outras, desenvolver suas potencialidades, preparar-se para a vida, a independência e a liberdade para viver e conviver em sociedade. Isso indica que as pessoas com deficiência visual[1] devem ter garantido seu espaço na escola, substancialmente com uma proposta pedagógica que dê conta das necessidades que alunos ditos normais e alunos com deficiência visual juntos, em uma sala de aula, demandam. (SELAU, KRONBAUER, PEREIRA, 2010, s.p)

O professor é peça fundamental na relação do aluno PAEE com os demais alunos e principalmente na efetivação da inclusão social dos mesmos, portanto é importante que esse profissional esteja preparado para atender a todos os alunos, sejam eles com ou sem deficiência, é importante também que o professor tenha formação adequada para tal, para que não confunda o seu papel de educador com caridade ao aluno com deficiência. O educador precisa estar ciente de que todos os alunos têm capacidade para aprender independente de suas especificidades, para que não transforme suas aulas em um ambiente que exclua o aluno PAEE por não se adaptar à forma como o professor realiza as atividades. Na maioria dos casos, esses profissionais não tiveram acesso a disciplinas voltadas para a educação especial durante a graduação. Nesse caso os cursos de capacitação ofertados para professores são uma boa opção para esses profissionais ficarem mais próximos da realidade educacional de seus alunos. Ideal seria que todos os cursos de licenciatura tivessem disciplinas sobre a educação especial em suas grades.

> Reitera-se, como ponto de partida, o estímulo a uma disposição humanitária inicial do educador. Essa disposição inclui considerar o outro como pessoa, sujeito e cidadão, com direito à escolarização e a viver plenamente. Essa atitude é imprescindível. Ela não pode ser confundida com o assistencialismo, implícito no impulso de "querer ajudar o outro", muitas vezes, erroneamente associado à educação inclusiva. A visão assistencialista não concebe a relação com a pessoa com deficiência como uma via de mão dupla, e sim como um "dar de si" ao outro, considerado menos capaz ou menos válido. Portanto, é essencial que os professores reconheçam sua própria importância no processo de inclusão, pois a eles cabe planejar e implementar intervenções pedagógicas que dêem sustentação para o desenvolvimento das crianças. (SELAU, KRONBAUER, PEREIRA, 2010, s.p)

Entender sobre a deficiência de seu aluno ajuda o professor a expandir seu pensamento sobre o aluno PAEE e buscar estratégias para descobrir a melhor forma de atingir esse aluno no processo de ensino/aprendizagem. Estimulando o aluno é que o professor terá ideia da real capacidade do mesmo. Sendo assim, se o professor não procurar caminhos para que o conhecimento se torne efetivo nessa relação, esse aluno continuará sendo o "aluno diferente", o "aluno da inclusão", e consequentemente as suas interações sociais não ocorrerão de forma a lhe proporcionar a oportunidade para ocupar o seu lugar como parte da sociedade.

> Não se pode afirmar que a experiência direta e a interação com pessoas com deficiência visual sejam requisitos prévios para o desenvolvimento do processo de inclusão em uma escola, no entanto ela pode favorecer a eliminação de alguns preconceitos. (SELAU, KRONBAUER, PEREIRA, 2010 , s.p)

As atividades em grupo são poderosas ferramentas para serem utilizadas em sala de aula. É importante que o professor coloque os alunos PAEE para realizarem atividades com os demais alunos. Isso possibilita que ele troque informações e experiências. Essa troca ajuda que o aluno faça amigos dentro da sala de aula e que todos se aproximem dele, colaborando para quebrar algumas barreiras dos alunos que não estão acostumados com a deficiência.

Ainda existem muitas barreiras na sociedade para as pessoas com deficiência. Tanto barreiras arquitetônicas quanto barreiras sociais. Muitas vezes as dificuldades arquitetônicas de acesso são as únicas a serem consideradas na hora de falar de inclusão. É indiscutível que essas barreiras físicas são um grande ponto das dificuldades de acesso, mas também é preciso considerar as dificuldades sociais que essas pessoas sofrem.

> Sobretudo, fundamental é reconhecer que a implantação de serviços voltados para a acessibilidade universal demanda uma articulação ampla de meios e objetivos. Sob tal perspectiva, somente por meio da implantação de políticas públicas de ação cultural de caráter inclusivo é que se tornará possível qualquer tipo de realização; e o motivo é que a inclusão social, ao longo da sua história, caracterizou-se por um movimento de lutas sociais empreendidas pelas minorias e seus representantes, objetivando a conquista de seus direitos ao acesso imediato, contínuo e constante ao espaço comum da vida em sociedade (recursos e serviços). (LIMA, BERQUÓ, 2012, s.p)

É difícil se conseguir uma inclusão plena. Vários poderes públicos têm de ser envolvidos para que a inclusão seja feita com sucesso. Não é apenas a inclusão escolar que é importante, a inclusão também deve ser pensada fora dos muros da escola. É preciso que essas pessoas tenham acesso a informação e ao conhecimento.

> Se os alunos se envolverem, trocarem informações, participarem juntos em atividades, está-se posto um momento importante para o desenvolvimento das crianças, principalmente para aquela que tiver alguma necessidade especial. Por isto acredita-se que a educação escolar inclusiva que não fomente a colaboração entre seus participantes pouco valor tem (SELAU, 2007, p. 10).

A produção acadêmica atual acerca da educação de indivíduos com deficiência nos mostra que existem diversas maneiras de trabalhar dentro de sala de aula. A proposta trazida pela PNEEPEI é a da realização do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Há também o Ensino Colaborativo, proposto por um grupo de pesquisadores que defendem que a melhor maneira de trabalho com o aluno público alvo da educação especial não é fora da sala de aula regular.

> A visão, indubitavelmente, é uma das mais importantes fontes de percepção do mundo para as pessoas que enxergam. Entretanto, as pessoas com deficiência visual, apesar de privadas desse sentido, também fazem jus a perceber o mundo com os sentidos remanescentes. Para ampliar suas experiências além da escolar, é necessário oferecer-lhes oportunidades em espaços de outras instituições, tais como: museus, teatros, cinemas, centros culturais, entre outros locais de lazer e de conhecimento, buscando nesses lugares proporcionar-lhes condições de contato com diferentes linguagens e, a partir dessa postura, contribuir para a sociedade inclusiva. (LIMA, BERQUÓ, 2012, s.p)

É importante que se construam as redes de ensino, que planejem a possibilidade da realização de projetos que possibilitem que as pessoas com deficiência possam acessar os conteúdos dados em sala de aula. Porém, além da sala de aula, é importante que essas pessoas tenham acesso ao conjunto de atividades sociais, acesso ao lazer, ao trabalho, aos bens culturais de forma a promover uma melhoria significativa na qualidade de vida dos que a utilizam. Sendo assim, o teatro pode ser uma ferramenta que potencializa o desenvolvimento do indivíduo, que promove o contato com sua própria cultura e que faz com que ele se desenvolva socialmente através do contato com outras pessoas.

> "A obra de arte considerada enquanto bem simbólico não existe como tal a não ser para quem detenha os meios de apropriar-se dela, ou seja, decifrá-la" (BOURDIEU; DARBEL, 2007, p. 71).

A Pinacoteca do Estado de São Paulo, por exemplo, tem projetos para tornar sua galeria acessível às pessoas com deficiência visual. Há também projetos para que vários museus se tornem também acessíveis. A premissa desses locais em adaptarem seu conteúdo é a de que as pessoas com deficiência visual também têm direito de desfrutar dessa arte.

> E por que não pensar efetivamente o Museu como um espaço não formal de educação para pessoas com deficiência visual? O que falta para tanto? A resposta aponta para a necessidade de planejar ações de estímulo sensorial, *principalmente pelo tato/toque*, para proporcionar a essas pessoas, além do prazer da novidade, condições de ampliação e aprofundamento da visão de si mesmas, do homem em geral, reflexões sobre sua identidade, afirmação cultural e acesso ao saber. (LIMA, BERQUÓ, 2012, s.p)

Assim como o museu, no teatro também existem barreiras que dificultam o acesso das pessoas com deficiência visual. As casas de teatro ainda não contam com o serviço de audiodescrição e é inviável o usuário com deficiência visual pagar pelo serviço desses profissionais, pois o preço é alto.

> A discriminação social da pessoa cega é um problema da sociedade que a estigmatiza e separa, mas é também um problema que lhe pertence como produto e produtor da história. Cabe à sociedade, como um todo, alterar o rumo da história que conduz a uma atitude estereotipada e estigmatizante das deficiências, sobre as quais se estruturam práticas discriminatórias. Nesse sentido, uma mudança social poderá proporcionar aos grupos minoritários, entre eles as pessoas cegas, a possibilidade de serem respeitados pela diferença, minimizando a exclusão social à qual estão expostos cotidianamente. (FRANCO, DENARI, 2011, s.p)

É necessária uma mudança em como encaramos a deficiência visual. As pessoas público alvo da educação especial vem cada vez mais tendo acesso a diferentes espaços da sociedade, e é nosso dever assegurar que o direito de participação seja garantido.

Neste sentido, é importante que se criem métodos para que as pessoas com deficiência visual participem do teatro. O teatro pode ser uma ferramenta adaptável, que recebe as pessoas em sua diversidade.

Sendo assim, o teatro como uma forma de expressão cultural se desenvolve com o passar do tempo, ou seja, a medida que a peça é ensaiada, e aprimorada, desenvolvem-se técnicas de atuação, de expressão corporal, e de adaptação. As oficinas são de fundamental importância para a melhoria da atuação de todos os envolvidos nos espetáculos, capacitando não só quem atua, mas também quem os ensaia, dessa forma todos os envolvidos aprimoram suas técnicas visando uma peça de sucesso.

> O tato, cabe ressaltar, não é um simples sentido, requer uma combinação de percepções da pele, do movimento dos dedos, mãos e braços, bem como informações sobre como os membros se movem e se posicionam em relação ao corpo como um todo e ao que é tocado. Tato envolve a inter-relação entre ritmo, movimento, contato, propriocepção (equilíbrio postural e de localização), articulação e pressão, e por meio dele se reconhecem forma,

> espaço, tamanho, textura, temperatura, vibração e resposta. (LIMA, BERQUÓ, 2012 , s.p)

Exercícios com objetos diversos foram aplicados para trazer para o ator a consciência corporal nos movimentos executados, tarefa difícil já que a maioria dos atores não tem referência de movimento e, às vezes, também não entende o funcionamento de um objeto possivelmente novo para eles. Esses exercícios contribuíram para a estimulação do tato para uso em cena, e para o manuseio de objetos que não lhes eram familiares antes da oficina. Para os exercícios de concentração e imaginação, são utilizados palavras e exemplos que os atores estão acostumados no seu dia a dia.

De acordo com Vash (1988) e Amaral (1994), as pessoas videntes geralmente se relacionam com as pessoas cegas com uma tendência de generalizar possibilidades e potencialidades dessas pessoas, como se elas fossem o resultado de uma escala de produção em série. Entretanto, para as pessoas cegas, a única semelhança entre elas refere-se à sua própria condição da ausência da visão.

Todas as pessoas são diferentes, tendo cada uma delas a sua própria vivência. O fato da pessoa ter deficiência visual não a torna igual a todas as outras pessoas com deficiência visual. É necessário que o trabalho realizado com elas seja pensado para cada integrante do grupo, respeitando suas necessidades e a sua individualidade.

> O lugar a ser conquistado pela pessoa com deficiência visual na sociedade dependerá da educação que ela receber. E a educação, por sua vez, tende a refletir a filosofia política da sociedade, que, atualmente, defende um sistema educacional para *todos*, interpretado no sentido de oferecer igualdade de oportunidades, até o limite da capacidade de cada um. (LIMA, BERQUÓ, 2012, s.p)

A inclusão precisa ser praticada como um todo na sociedade e não ficar somente em âmbito escolar. Pessoas que já não têm mais idade escolar também precisa de projetos pensados para elas. O teatro pode ser trabalhado com pessoas de todas as idades. É importante que o Estado se responsabilize pela criação de projetos para a inclusão de pessoas com deficiência visual, pois é sua obrigação produzir atividades para esse público.

Para o escopo desse estudo, nos deteremos, então, na experiência acumulada pelo Grupo Olhares de teatro. Ele preocupado com a inclusão de pessoas cegas e com baixa visão, não apenas como expectadores, mas como atores, durante o processo de oficinas de expressão corporal se desenvolvem técnicas para que os integrantes do grupo se sintam mais à vontade no

espaço sem receio de esbarrar em algum obstáculo ou em outro integrante, por exemplo, adaptando a organização cênica do espetáculo. Nem sempre as oficinas são realizadas em locais conhecidos pelos integrantes e pelo pouco tempo disponível para cada oficina ficava difícil fazer o reconhecimento do local todo com os atores (o que seria mais adequado) pois sobraria pouco tempo para as atividades corporais e objeto das oficinas propriamente. Devido a isso, criou-se uma técnica, na qual os atores poderiam se movimentar livremente pelo espaço e quando chegassem perto de um possível obstáculo o professor falaria o nome do ator que se encontrasse em situação de risco e o mesmo mudaria a sua direção imediatamente. Essa adaptação permitiu aos atores com deficiência visual que explorassem os seus movimentos corporais, utilizando os planos baixo (chão), médio (altura da cintura) e alto (posição em pé ou ainda mais acima) por todo o espaço cênico, o que deu ferramentas para o professor trabalhar os tônus muscular com esses atores, orientando-os a perceberem o que determinado movimento causava de diferente em suas posturas corporais, por exemplo. Além dos exercícios de expressão corporal, também se trabalhou com os atores a voz, a imaginação, sentimentos e sentidos, sempre estimulando o uso do tato e audição para melhor desempenho dos atores com restrição visual nos exercícios propostos.

Assim, este projeto tem o intuito de explorar a ideia de que teatro pode ser uma ferramenta que ajuda na integração social das pessoas com deficiência visual.

4. ESTUDOS SOBRE TEATRO E DEFICIÊNCIA

O objetivo desse capítulo é fazer uma revisão das pesquisas que conectem a temática da deficiência visual com o teatro. Para isso efetuou-se um levantamento de pesquisas que têm como foco esses dois temas por meio das plataformas Scielo e no Portal de Periódicos da CAPES,

> A Scientific Electronic Library Online - Scielo é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. [...] O Projeto tem por objetivo o desenvolvimento de uma metodologia comum para a preparação, armazenamento, disseminação e avaliação da produção científica em formato eletrônico." (Em: <http://www.scielo.br/?lng=pt>. Acesso em: 22 março 2016.)

Já o Portal de Periódicos da CAPES (Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)

> O Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional. Ele conta com um acervo de mais de 37 mil títulos com texto completo, 126 bases referenciais, 11 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual. (Em: < https://www.periodicos.capes.gov.br/ >. Acesso em: 22 março 2016.)

Os descritores utilizados na busca por pesquisas na plataforma Scielo e também no Portal de Periódicos da CAPES são mostrados no quadro abaixo.

Tabela 1 – Relação dos descritores utilizados na busca por pesquisas nas plataformas Scielo e Banco de Teses da CAPES.

Marcador 1	Marcador 2	Portal
Teatro	Deficiência	Scielo e Banco de Teses da CAPES
Teatro	Educação Especial	Scielo e Banco de Teses da CAPES
Arte	Deficiência Visual	Scielo e Banco de Teses da CAPES
Arte	Educação Especial	Scielo

Fonte: Elaboração própria.

Em uma busca preliminar nas plataformas, foi verificado que os marcadores TEATRO + DEFICIÊNCIA VISUAL não favoreciam o retorno de resultados que interessavam a esta pesquisa. Assim, optou-se pela utilização dos marcadores acima, já que trouxeram resultados mais adequados aos objetivos da pesquisa.

A busca nas plataformas não foi delimitada em um período de tempo, mas sim pelo interesse no conjunto de produções do acervo. Foram lidos os títulos e resumos dos resultados encontrados e foram escolhidos os que melhor respondiam aos objetivos de nosso estudo.

Optou-se pela criação de tabelas que facilitassem a visualização dos resultados.

Tabela 2 – resultados da busca no Scielo.

	MARCADOR 1	MARCADOR 2	TOTAL DE RESULTADOS	RESULTADOS RELEVANTES
1	Teatro	Deficiência	3	2
2	Teatro	Educação Especial	1	0
3	Arte	Deficiência Visual	9	0
4	Arte	Educação Especial	9	0
TOTAL			22	2

Fonte: Elaboração própria com base no portal Scielo.

No portal Scielo foram encontrados 22 resultados com os marcadores utilizados, porém, após a leitura dos títulos e resumos, apenas 2 trabalhos se enquadravam no tema de nossa pesquisa. Vale atentar-se para o baixo número de produções encontradas sobre o tema. Vale ressaltar também que a busca com os marcadores Arte e Educação Especial e Teatro e Educação Especial não retornaram resultados relevantes.

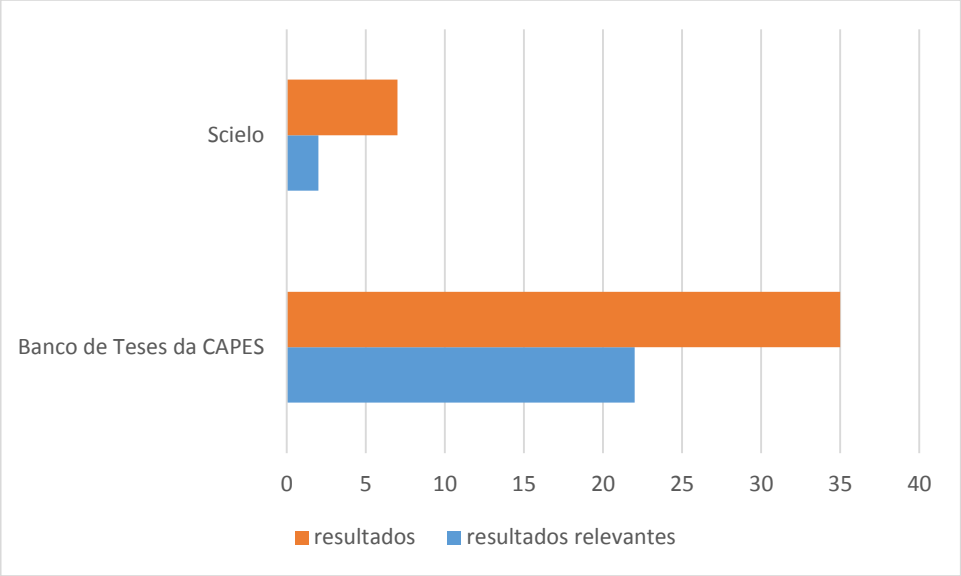
Tabela 3 – resultados da busca no Banco de Teses da CAPES

	MARCADOR 1	MARCADOR 2	TOTAL DE RESULTADOS	RESULTADOS RELEVANTES
1	Teatro	Deficiência	5	2
2	Teatro	Educação Especial	18	2
3	Arte	Deficiência Visual	12	3
TOTAL			35	7

Fonte: Elaboração própria com base no Banco de Teses da CAPES.

Na tabela 3 podemos perceber que a busca com todos os marcadores trouxe resultados relevantes ao tema. No banco de Teses da CAPES encontramos 35 resultados, sendo 8 deles relevantes. A busca em que mais foram encontrados resultados foi aquela com os marcadores Teatro e Educação Especial. Porém, a busca que mais retornou resultados relevantes foi aquela com a utilização dos marcadores Arte e Deficiência Visual.

Gráfico 1 – Comparação entre a busca nas duas plataformas.



Fonte: Elaboração própria.

No gráfico 3 podemos ver uma comparação entre os resultados encontrados nas duas plataformas. Na plataforma Scielo, de 22 resultados, apenas 2 resultados eram relevantes para o estudo, o que representa um total de 22,72%. Na plataforma Banco de Teses da CAPES, temos um total de 35 resultados, sendo 7 deles relevantes, o que representa um total de 22,85%. Vemos assim que as duas plataformas apresentam uma porcentagem de resultados relevantes praticamente idêntica.

Tabela 4 – resultados encontrados na busca na plataforma Scielo.

	Títulos	**Autores**	**Universidade**	**Estado**	**Ano**
1	Deficiência e Teatro: Arte e Conscientização	Mariana Prioli Cordeiro, Renata de Souza Scoponi, Solange Leme Ferreira, Camila Mugnai Vieira	UEL e UFSCar	Paraná e São Paulo	2007
2	Cinema de autor para pessoas com deficiência visual: a audiodescrição de o grão	Vera Lúcia Santiago Araújo	UECE	Ceará	2011

Fonte: elaboração própria.

O primeiro texto encontrado se chama “Deficiência e Teatro: Arte e Conscientização” e mostra como a criação de um “Grupo de Teatro para Atores Especiais” passou a “possibilitar o desenvolvimento das habilidades sociais da pessoa com deficiência mental, além de informar a sociedade sobre as reais potencialidades desses indivíduos”. (CORDEIRO; SCOPONI; FERREIRA,VIEIRA, 2007, p. 149.) O estudo se mostra relevante para este trabalho por tratar de assuntos como a reação do público diante das apresentações do grupo, e traz uma reflexão sobre a mudança de concepção do público acerca das pessoas com deficiência intelectual.

Já o trabalho intitulado “Cinema de autor para pessoas com deficiência visual: a audiodescrição de o grão” (ARAÚJO, 2011) trata do processo de descrição do filme ‘O Grão’ (2007) em forma de áudio. O trabalho nos traz um aporte teórico apresentando a importância e o desenvolvimento da audiodescrição e traz também a opinião de pessoas com deficiência visual a respeito do processo feito no filme. Esse trabalho se mostrou relevante por tratar da importância do acesso da pessoa com deficiência visual à uma produção audiovisual presente no cotidiano social – o cinema.

Tabela 5 – resultados encontrados no Banco de Teses da CAPES.

	Títulos	**Autores**	**Universidade**	**Estado**	**Ano**
1	Teatro Acessível Para Crianças Com Deficiência Visual: A Audiodescrição De A Vaca Lelé	Bruna Alves Leão	UECE	Ceará	2012
2	Pedadogia Da Bobagem: Uma Oficina De Palhaço Para Adultos Com Deficiência Intelectual	Laili Von Czekus Florez Cabalero	UFBA	Bahia	2012
3	Surdez E Teatro: A Encenação Está Em Jogo. Estudo Transdisciplinar Sobre O Jogo Teatral No Cenário Da Surdez.	Lidia Becker	UFRJ	Rio De Janeiro	2011
4	Lygia Clark - Uma Experiência De Arte Na Vida De Jovens Cegos	Ana Carmen Franco Nogueira	Universidade Presbiteriana Mackenzie	São Paulo	2011
5	Ora, Direis, Ouvir Imagens? Um Olhar Sobre O Potencial Informativo Da Audiodescrição Aplicada A Obras De Artes Visuais Bidimensionais Como Representação Sonora Da Informação Em Arte Para Pessoas Com Deficiência Visual.	Veronica De Andrade Mattoso	UFRJ	Rio De Janeiro	2012
6	A Música Na Educação De Pessoas Com Deficiência Visual Uma Experiência Na Unidade Educacional Especializada José Álvares De Azevedo.	Sergio Figueiredo Bernardo	UFPA	Pará	2012
7	A Importância Da Arte Na Inclusão Escolar E No Desenvolvimento De Pessoas Com Necessidades Educativas Especiais - Deficiência Intelectual.	Uillian Trindade Oliveira	UFES	Espirito Santo	2012

Fonte: Elaboração própria.

As buscas no Banco de Teses da CAPES nos retornaram 7 resultados relevantes. O primeiro deles, intitulado "Teatro Acessível para crianças com deficiência visual: a audiodescrição de A Vaca de Lelé" (LEÃO, 2012) nos mostra o processo de audiodescrição de uma peça de teatro. Ao mostrar esse processo o trabalho aponta que o processo de audiodescrever uma peça de teatro se aproxima do processo feito com o cinema e indica caminhos para esta atividade.

Outro trabalho que trata também sobre audiodescrição, é "Ora, direis, ouvir imagens? Um olhar sobre o potencial informativo da audiodescrição aplicada a obras de artes visuais bidimensionais como representação sonora da informação em arte para pessoas com deficiência visual" (MATTOSO, 2012). Como nos demais trabalhos, a autora propõe uma reflexão acerca do uso da audiodescrição, dessa vez, aplicada a objetos bidimensionais.

Lalai Cabalero nos traz em seu trabalho "Pedagogia da Bobagem: uma oficina de palhaço para adultos com deficiência intelectual" (CABALERO, 2012) um estudo sobre uma proposta de oficina de palhaços para adultos com deficiência intelectual realizadas em 2011. O trabalho se mostra relevante por tratar da inclusão desses indivíduos em atividades artísticas, visando o desenvolvimento de suas capacidades de expressão e criatividade.

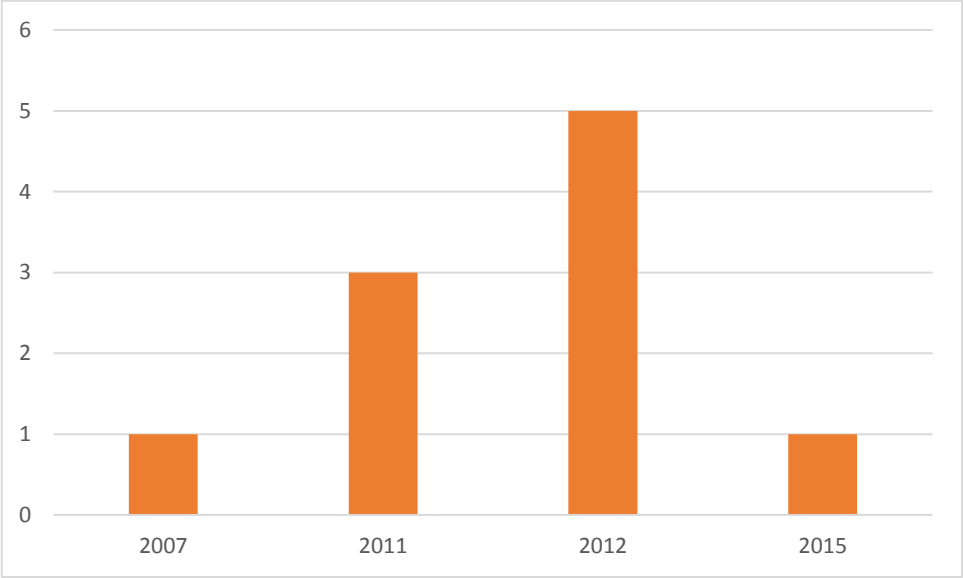
O trabalho "Surdez e teatro: a encenação está em jogo. Um estudo transdisciplinar sobre o jogo teatral no cenário da surdez. " (BECKER, 2011) traz uma abordagem envolvendo saberes do teatro, linguagem, saúde e educação para propor a inserção do jogo teatral como metodologia para as práticas de oralização de alunos surdos.

Apoiada por uma abordagem fenomenológica, a autora Ana Nogueira nos mostra o trabalho de jovens com deficiência visual em um ateliê na cidade de São Paulo. O trabalho "Lygia Clark – uma experiência de arte na vida de jovens cegos" (NOGUEIRA, 2011) se mostra importante por revelar o processo de adaptação de materiais para possibilitar que os alunos cegos pudessem utilizar o espaço de criação do estúdio.

Outro trabalho que se mostra relevante para nossa pesquisa é "A música na educação de pessoas com deficiência visual uma experiência na unidade educacional especializada José Alvares de Azevedo" (BERNARDO, 2012). Nele, o autor relata o aprendizado de alunos com deficiência visual através de aulas de música, em um ambiente de Atendimento Educacional Especializado.

O trabalho “A importância da arte na inclusão escolar e no desenvolvimento de pessoas com necessidades educativas especiais – deficiência intelectual” (OLIVEIRA, 2012), se apoia na teoria vygotskyana para analisar a arte sendo usada como instrumento para o desenvolvimento de pessoas com deficiência intelectual.

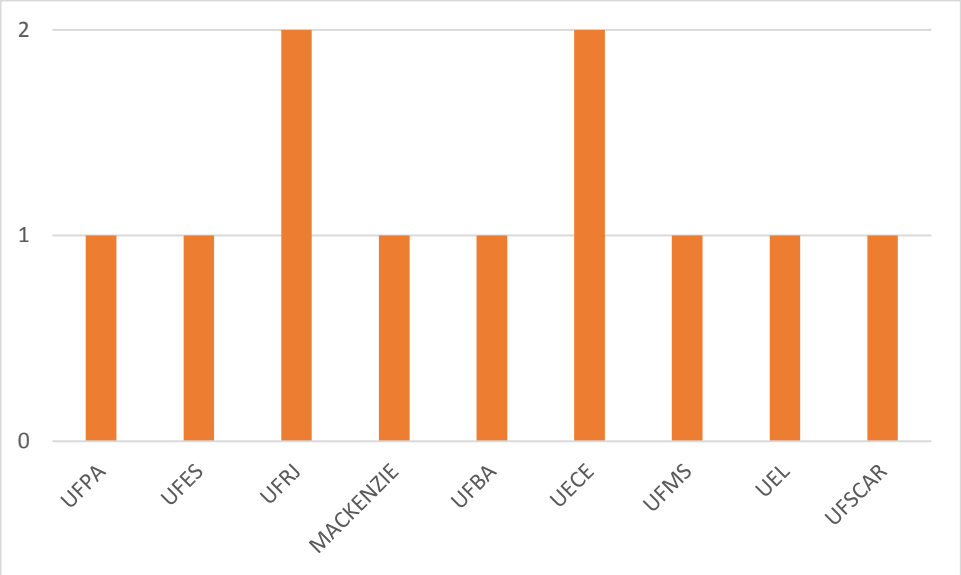
Gráfico 2 – quantidade de publicações por ano.



Fonte: Elaboração Própria.

O gráfico 4 mostra a quantidade de publicações feitas em cada ano, dentre os resultados relevantes encontrados nas buscas nas duas plataformas. Vemos que a maior incidência de publicações consta no ano de 2012, sendo 5 publicações somente nesse ano. No ano de 2011 encontramos 3 publicações. Nos anos de 2007 e 2015, encontramos uma publicação em cada ano.

Gráfico 3 – quantidade de publicações por Instituição.



Fonte: elaboração própria.

No gráfico 5 podemos ver a incidência de publicações por instituição. Vemos que na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Universidade Federal do Ceará (UECE), temos duas pesquisas em cada que se enquadram nos resultados relevantes.

Após esse levantamento de pesquisas publicadas podemos chegar à conclusão de que ainda existem poucas pesquisas com foco no tema. Das pesquisas relevantes, a maioria foi publicada em 2012. Destaca-se que a despeito de não haver qualquer restrição em relação à data da publicação, só foram localizados produções mais recentes, todas na última década, indicando que a inclusão de pessoas com deficiência no campo das Artes não constitui um campo muito explorado.

5. MÉTODO

O Grupo Olhares surgiu de uma parceria do núcleo Ouroboros com a Biblioteca Comunitária da UFSCar em 2009 como homenagem ao bicentenário de Louis Braille, desde então o grupo leva informação através do teatro para diversas camadas da sociedade. Entre os espetáculos produzidos pelo grupo estão: O novo sentido, A verdade semeada, Petit Curie, Madame Curie e Lucis est Vita. Atualmente, o grupo se reúne uma vez por semana no Núcleo Ouroboros no departamento de Química da UFSCar sob a coordenação da professora Karina Omuro Lupetti, e a equipe conta com um educador especial e técnico em artes dramáticas e uma musicista e bailarina clássica.

5.1 PARTICIPANTES

Para participar desta pesquisa foram selecionados os quatro integrantes do Grupo Olhares. O Grupo Olhares tem o objetivo de trabalhar com pessoas com deficiência visual através do uso do teatro como ferramenta científica.

Tabela 6 – Participantes da Pesquisa.

Nome	**Idade**	**Escolaridade**
Jorge	56 anos	4ª série[3]
Victor	27 anos	Superior Incompleto
Rita	46 anos	Ensino Médio
Amadeu	56 anos	8ª série

5.2 ENTREVISTA

Para a realização do estudo a metodologia de pesquisa escolhida foi a realização de entrevistas, apoiadas em um roteiro estruturado, de forma a coletar os dados necessários para a pesquisa, sem constranger os participantes.

[3] A 4ª série é o atual 5º ano do Ensino Fundamental e a 8ª série é o atual 9º ano. Mantivemos a nomenclatura utilizada antigamente.

As entrevistas foram feitas individualmente, no núcleo de divulgação científica Ouroboros, no período da tarde. Atentou-se para que as entrevistas ocorressem no período em que os participantes estivessem em atividades relacionadas ao grupo Ouroboros, para que não atrapalhasse sua rotina e para que não fossem gerados empecilhos.

As entrevistas seguiram o modelo de entrevista estruturada, no qual as perguntas foram definidas antes de ocorrerem as gravações. As perguntas formuladas buscam investigar quais melhorias o acesso ao teatro trouxe para os participantes com deficiência visual. Tais perguntas foram definidas visando coletar dados necessários para abranger os objetivos desta pesquisa, ou seja, compreender como se dá a inclusão social do deficiente visual por meio do teatro.

Sendo assim, foram realizadas as seguintes perguntas: “Por que você faz teatro? ”; “Por que participar do grupo Olhares? ”; “O que o grupo Olhares representa hoje na sua vida?”; “O que você diria se um dia o projeto acabasse?”; “Como você reagiria?”; “Se o projeto acabasse aqui na UFSCar, você continuaria?”. Após estas perguntas foi deixado um espaço aberto para que cada participante pudesse expor suas ideias livremente trazendo reflexões, opiniões e experiências. O roteiro das entrevistas se encontra em anexo.

6. A experiência no Grupo Olhares e as pessoas com deficiência visual

As entrevistas foram transcritas e a partir das respostas dos participantes pudemos identificar alguns temas mais recorrentes tais como: convivência com a deficiência visual; participação no Grupo Olhares; impacto do teatro em suas vidas e o que achavam da recepção do público que ia assistir as suas apresentações. Assim, para a apresentação dos resultados traremos alguns trechos das entrevistas e análises por nós realizadas.

Quando questionados acerca das dificuldades que eles encontravam por serem deficientes visuais, Amadeu fala sobre as dificuldades encontradas com a mobilidade.

> ***Amadeu**: Em 1978 eu fiquei no centro de reabilitação em Campinas, aprendi várias coisas por lá, inclusive a mobilidade, mas não coloquei em prática porque morava na zona rural, você sabe que na zona rural para você sair de casa tem buraco na porta da casa. Então depois que mudei aqui para a cidade comecei a frequentar uma escola para deficientes visuais, [...] aí fazia aula de mobilidade com as professoras, não vou dizer para você que não tenho mais o medo de sair sozinho, ainda tenho, mas melhorou bastante, para mim no início foi bem difícil.*

Amadeu afirma que uma de suas maiores dificuldades, ainda hoje, é sair sozinho de casa, mas o trabalho com orientação e mobilidade nas instituições por onde ele passou o ajudou a superar essa barreira e a ter mais independência ao conseguir se locomover sozinho. Nota-se uma melhoria na autonomia de Amadeu, uma vez que as novas experiências, proporcionadas a partir do grupo Olhares, o faz refletir acerca de situações práticas no seu dia a dia.

Já Jorge, que possui de 5 a 10% da visão, aponta que

> ***Jorge**: a caminhada para mim não foi tão difícil assim, porque a gente já vai crescendo arrumando um jeito para fazer a base para caminhar, escolher alguma coisa né, e também não é difícil não, porque sempre a gente tem auxílio das pessoas. Então para mim não está sendo tão difícil assim, porque eu caminho mesmo sozinho, não dependo das pessoas mais. E também nem sempre as pessoas estão disponíveis para conduzir a gente até o local.*

Jorge já apontou no início da entrevista sobre depender da ajuda das pessoas para a sua locomoção. E fala também sobre não ter tanta dificuldade para caminhar, pois ele nasceu com uma baixa visão, o que fez com que ele, desde pequeno, já desenvolvesse técnicas para caminhar autonomamente.

Sobre a convivência com seus familiares, eles apontam que

> ***Jorge**: Minha família aceitou a dificuldade que eu tenho, sempre ajudou da maneira possível, como todas as pessoas que sempre me ajudaram. Minha família pai, mãe, tio, tia, sempre me ajudaram.*
>
> ***Rita**: Meu pai conta que uma vez estávamos em Sacramento, que é onde ele nasceu, e teve um senhor que escondia a filha por ela ser deficiente. Meu pai me fez descer do carro, me mostrou, falou que nunca que ele ia esconder a filha dele que é deficiente.*
>
> ***Amadeu**: A minha família, nessa parte para mim, graças a Deus é muito tranquila. Porque tem gente que reclama que a própria família se afasta do deficiente visual, mas a minha sempre me deu apoio, nunca disseram: não, não vai que é perigoso. Quando começamos com a Karina[4] aqui, quando ela nos convidou para fazer parte do teatro, eles me incentivaram, disseram que ia ser legal, nunca me cortaram, nunca colocaram empecilhos.*

O MEC nos aponta que:

> Embora nem sempre seja fácil, a família precisa entender que o portador de deficiência é, antes de mais nada e acima de tudo, uma pessoa total, evitando focalizar a atenção na cegueira, ou na baixa capacidade visual [...] Muitas famílias prolongam seus momentos de angústia, ansiedade, conflitos, negação, sublimação, frustração e até mesmo desesperança por não dispor de informações e não encontrar interlocutores para discutir sua problemática e para se identificar. (BRASIL, 2000, P.14)

É importante percebermos que os entrevistados apontam que suas famílias apoiam sua independência e individualidade, incentivando a realização de projetos e de autonomia. Aqui o grupo Olhares toma um papel muito importante no desenvolvimento dessa autonomia, uma vez que consegue melhorar não só as expectativas dos seus participantes, mas também dos que os cercam.

[4] Karina Lupetti é professora do Departamento de Química e coordena as atividades do Grupo Olhares.

Já sobre as suas experiências escolares, os entrevistados nos disseram que

> ***Rita**: Na escola, [...] não queriam me aceitar, a escola A não quis me aceitar, tanto que o diretor antigo se aposentou com processo administrativo. E eu fiz na escola B até a oitava série. Foi difícil, a gente teve que adaptar materiais porque na época só tinha material adaptado pra adulto, para a criança não tinha [...] Hoje em dia, as ... as adaptações tecnológicas são muito grandes, antigamente não tinha nada, não tinha computador, não tinha nada. Sofria muito nos estudos. Eu falei que se eu estivesse estudando hoje em dia eu estaria no céu, por causa da tecnologia e dos materiais que são feitos e adaptados para os deficientes visuais*

Já Amadeu aponta que

> ***Amadeu**: tem o pessoal deficiente que eu conheci também depois, através de frequentar a escola, então aquilo melhorou para mim, melhorou mais a minha cabeça, a forma de agir com o pessoal, eu acho que para mim melhorou bastante.*

A fala de Amadeu nos mostra a importância da convivência entre as pessoas que compartilham da deficiência visual.

> O convívio com pessoas portadoras de deficiência (de qualquer tipo) contribui para facilitar a quebra de tabus e de estigmas, favorecendo a plena inclusão do portador de deficiência na sociedade e auxiliando a família a lidar com essa deficiência. (BRASIL, 2000, p.17)

Quando questionados sobre sua participação no Grupo Olhares, os participantes ressaltaram as mudanças que o Teatro vem trazendo às suas experiências.

> ***Jorge**: O teatro, ele sempre ajuda abrir novos campos. Ajuda abrir os campos de entendimento, também de convivência com as pessoas, como a gente deve agir no momento certo, falar no momento certo, procurar também a orientação como deve proceder num grupo dentro do teatro ou fora do teatro.*
>
> ***Amadeu**: Como eu disse, é uma coisa muito boa que aconteceu para mim, essa vinda para o Olhares quando a Karina nos convidou. E eu sou daqueles que quando me convidam para fazer alguma coisa, eu vou nem que seja uma vez para ver como é, se eu achar que vai ser legal para mim eu continuo frequentando, se eu achar que não vai ser legal eu já paro de início. Nessa já faz 6 anos que estou aqui, eu*

> *gostei muito de vir para cá, de estar com o pessoal, apresentando, aprendendo, porque eu estou aprendendo essa coisa do teatro, para mim é um aprendizado.*
>
> ***Victor**: Olhares interfere na minha rotina de uma forma extremamente positiva até porque eu tenho um aspecto de introspecção. Sou bastante tímido e o Olhares faz com que eu me solte dentro dos ensaios das oficinas eu não sou Victor eu sou um outro personagem qualquer que deixou Victor fora do Olhares e me solta ou de repente o verdadeiro é o que de repente eu tenho vergonha de soltar de me mostrar pra sociedade.*

Através das falas dos participantes podemos perceber a importância que a participação no grupo Olhares está trazendo para eles. Fica claro que o teatro proporciona ao grupo vivências que permitem que os mesmos se sintam capazes de realizar as atividades como qualquer outra pessoa. Vemos na fala do Jorge a contribuição do teatro para com as relações interpessoais, sobre entender e ser entendido, sobre ter a sensibilidade de falar no momento adequado, percepções essas que são de extrema importância para um relacionamento saudável em grupo. Já Victor relata ser introspecto e que a oportunidade de fazer teatro permite que ele experimente outras formas de ser.

Os entrevistados também falaram sobre a experiência de atuar.

> ***Jorge**: Eu me sinto feliz de estar atuando junto com os colegas e com as pessoas que não têm deficiência.*
>
> ***Rita**: Eu não me vejo mais sem teatro na minha vida, eu não consigo ver. Sem teatro na minha vida eu não consigo. O teatro é bom que você pode ser várias pessoas, [...] enfim, você pode representar o que você quiser né.*
>
> ***Victor**: se eu pudesse largar tudo para trabalhar com arte que seja atuando que seja criando que seja cantando, tocando, arte para mim eu respirar e Arte se ela conseguisse me manter.*
>
> ***Victor**: eu gosto muito do teatro eu gosto de estar no palco, [...] eu faço com prazer é uma satisfação pessoal.*

Nas falas acima evidenciam-se três sentimentos importantes para a formação do ser como membro da sociedade. Fica claro na fala do Jorge a importância de estar com pessoas que não tem deficiência, o "se sentir igual" é extremamente importante para que a inclusão social aconteça de forma real. Rita nos traz o quão importante o teatro se tornou em sua vida, em outro trecho de sua fala identifica-se a sensação de "imaginar" que o teatro lhe proporciona, a sensação de se tornar qualquer coisa, apenas imaginando e se tornando a representação viva da sua imaginação. Vitor revela a paixão pela arte e o seu sentimento de poder viver dela, sentimento esse que poderia não ter sido despertado sem as experiências que o teatro lhe proporcionou ao longo da sua participação no grupo.

Ao serem questionados sobre o porquê participar do Olhares e o que o grupo hoje representa na vida de cada um, os participantes relataram:

***Victor**: eu tenho oportunidade através de olhares de conhecer mais pessoas e de difundir a questão de que somos iguais todos, independente da deficiência, a gente é um teatro inclusivo está... um teatro coloca deficientes visuais pra ensinar. Tudo bem, mas a gente é igual a todo mundo, essa é a grande mensagem além do contexto científico e tal. É a grande mensagem que o Olhares leva por trás, a questão de que todos temos até esse humor a questão de eu poder conscientizar uma pessoa, de que maneiras ela pode ajudar uma pessoa com deficiência visual e de que ela não precisa tratar deficiente visual como um coitado. Esse é o grande entrave da sociedade pra gente, não é uma falta de piso tátil, não é falta de braille, não é falta de áudio descrição e falta de porcaria nenhuma, o grande entrave da gente é as pessoas acharem que a gente é coitado e o Olhares permite que a gente quebre esse paradigma.*

***Rita**: (...) hoje chegam pessoas e falam assim pra mim aí você era a vovózinha lá daquela peça dos deficientes visuais né? Quando que vai passar de novo, e tal?? Então tem sempre gente que chega pra mim e pergunta quando vai passar de novo porque é muito legal ?! Então até hoje eles falam (...) E então Olhares se tornou minha família é a primeira tá em casa, mas é a minha segunda família.*

***Jorge**: O grupo Olhares nasceu nos olhares de cada um de nós para movimentar o que a Karina estava projetando no correr dos dias assim, mais ou menos, como ela estava como nasceu o grupo Oroboros. O Olhares nasceu como eu disse nos olhares de caminhar para as belezas, as coisas bonitas e tentar fazer uma ciência da ciência porque gente que não ver mais ver isso é uma ciência de cada dia de nossas vidas.*

Os relatos acima demonstram a importância do trabalho do grupo Olhares no dia a dia de cada um dos participantes, seja em sua vida social, sua independência ou mesmo nas atuações do teatro. Em seus relatos, os participantes demonstram sua felicidade por fazerem parte do projeto Olhares, e por terem novas experiências, novas possibilidades e histórias para contar, a partir dos momentos vividos no teatro.

O teatro mostrou-se como grande aliado no crescimento pessoal dessas pessoas, desde a sua relação com o outro, sua capacidade de imaginar e criar personagens, até o despertar de uma vontade de viver de algo que você realmente se considera bom. Essas sensações podem potencializar o crescimento da autoestima dessas pessoas, contribuindo também para que a sociedade mude o seu pensamento sobre a deficiência ao presenciar o trabalho realizado por esse grupo.

Sobre a receptividade do público que vai assistir aos espetáculos apresentados por eles, eles disseram:

> ***Jorge**: Eu me sinto feliz de estar fazendo o melhor da gente, se apresentar de maneira possível né para alegrar aquela turma, aquele público que está presente. Eu sinto que ele (o público) também gosta desse trabalho do grupo Olhares que nós estamos fazendo né, e acredito que nós estamos tendo muito apoio neste trabalho que nós estamos desenvolvendo.*
>
> ***Victor**: O público que assiste o espetáculo é o prêmio de todo ator. Ainda mais que tenham alguns que critiquem, que gostem, é o resultado do trabalho. Reflete neles o relacionamento com eles, às vezes é curto, porque a gente está apresentando no lugar que não conhece ninguém. Então não dá para você construir uma rede de relacionamento, mas interagir com o público, mexer com público, você ver que eles estão tendo sensações através da sua cena, através do que que você está querendo passar para eles. Isso é o mais importante que acontece.*
>
> ***Jorge**: Eu estou gostando de fazer esse trabalho com o grupo Olhares e com o grupo Ouroboros, porque nós estamos dividindo os conhecimentos. A cada dia a gente aprende um pouquinho mais, e também aprendendo e ensinando junto né. O grupo Ouroboros, o Olhares ajuda outras pessoas que são inseguras, que têm deficiência visual, que tem medo da caminhada, ajuda eles a perceberem que eles*

> *não são inúteis, que eles conseguem fazer alguma coisa, porque se nós estamos fazendo o que mais gostamos. Nós estamos divulgando para todos. Enquanto essas pessoas estão nos olhando, outras nos ouvindo, eles também perdem o medo de fazer alguma coisa, porque mesmo pessoa sem deficiência, sem ter deficiência visual, tem insegurança de fazer alguma coisa, tem aquele dom para fazer, mas é insegura para fazer aquela coisa na vida dele.*

Os integrantes do grupo têm consciência da transformação que seu trabalho causa na plateia que assiste aos seus espetáculos, consciência que não se restringe apenas às pessoas sem deficiência como vemos na fala do Jorge. Todos temos capacidade para realizar atividades diversas, o que falta é o incentivo para acreditar que é possível, e isso é o que o Grupo Olhares vem fazendo desde a sua criação, mostrar para crianças, jovens, adultos e idosos que tudo é possível, basta acreditar.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a construção do trabalho procurei investigar se o teatro contribui de forma positiva para a inclusão social de deficientes visuais e o que as atividades realizadas no Grupo Olhares proporciona para seus integrantes. Em âmbito nacional ficou clara a necessidade de estudos sobre teatro e deficiência, já que existem trabalhos realizados na área, mas são poucos pensando na quantidade de pessoas PAEE no país e pensando que as mesmas têm o direito à arte como qualquer outra pessoa.

A escola é o ponto de partida para a inclusão social, portanto pensar em estratégias e atividades que aproximem os alunos PAEE dos alunos sem deficiência é fundamental para que a inclusão dentro do ambiente escolar funcione e possa transformar o pensamento da sociedade sobre a deficiência, seja o pensamento do aluno dentro da sala de aula ou o pensamento dos pais quando seu filho compartilhar a experiência que teve em uma atividade na escola com um amigo com alguma deficiência.

As entrevistas mostraram que o teatro é um veículo poderoso para a efetivação da inclusão social do deficiente visual, além de despertar inúmeras outras possibilidades que podem ser objeto de estudo para futuros trabalhos.

No decorrer do trabalho pensei que ia me deparar apenas com questões de interação e convivência, mas o estudo me mostrou que a transformação vai muito além disso. A mudança pessoal causada pelo teatro em cada um dos participantes foi emocionante e motivadora. Penso que a inclusão deve ser pensada não apenas em âmbito escolar, mas em todas as esferas da sociedade, no caso do grupo participante todos os integrantes já passaram da idade escolar e percebemos que a suas interações poderiam ter sido mais proveitosas se tivessem as ferramentas necessárias.

O projeto Olhares veio mostrar que nunca é tarde para se pensar na inclusão, seja ela de fora do grupo para dentro ou de dentro do grupo para fora. Pessoas com deficiência que nem sempre tiveram a oportunidade de conhecer o mundo e os seus encantos artísticos na idade escolar, hoje são agentes transformadores e praticam a inclusão com pessoas que estão na mesma situação em que elas já se encontraram um dia. Um trabalho para refletir sobre como pensamos na inclusão e como ela acontece sem que seja necessário ‘um milagre’.

O teatro se mostra eficaz nesse processo e pode ser utilizado para tal, dentro ou fora da escola. As atividades voltadas ao teatro proporcionam ao professor métodos para trabalhar em grupo com seus alunos de forma prazerosa, não precisando restringir a atividade apenas ao ambiente escolar. As atividades podem sem apresentadas aos pais e à sociedade, uma forma de contribuir para a inclusão social e de modificar o pensamento social sobre a deficiência.

8. REFERÊNCIAS

AMARAL, L. A. Pensar a diferença: deficiência. Brasília: Corde, 1994.

AMIRALIAN, M. L. T. M. Psicologia do excepcional. São Paulo: EPU, 1986.

ARAÚJO, V.L.S. Cinema de autor para pessoas com deficiência visual: a audiodescrição de o grão. rabalhos em Linguística Aplicada, Dez 2011, Volume 50, Nº 2, 357-378.

BECKER, L.; Surdez e teatro: a encenação está em jogo. Estudo transdisciplinar sobre o jogo teatral no cenário da surdez. DOUTORADO em ARTES CÊNICAS. Universidade Federal do Estado do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro. 2011.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>. Acesso em 05 de nov. 2014. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Deficiência Visual. Brasília: TV Escola. 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>. Acesso em: 05 de nov. 2013. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

CARROL, T. J. A cegueira: o que ela é, o que ela faz e como viver com ela. São Paulo: Fundação para o Livro do Cego no Brasil, 1968.

CARVALHO, D. H. 2014. Fracasso escolar de alunos público alvo da educação especial, uma análise dos dados do censo escolar em um município do interior de São Paulo. São Carlos. 2014.

CORDEIRO, M.P.; SCOPONI, R.S.; FERREIRA, S.L.; VIEIRA, C.M. Deficiência e Teatro: Arte e Conscientização. PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO, 2007, 27 (1), 148-155.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais, 1994, Salamanca-Espanha.

FRANCO, DENARI. A Sociedade e a Cegueira: Discriminação e Exclusão. Revista Benjamin Constant. Edição 48 - Abril de 2011.

LEÃO, B.; Teatro acessível para crianças com deficiência visual: a audiodescrição de a vaca lelé. Mestrado acadêmico em lingüística aplicada. Instituição de ensino: Universidade Estadual do Ceará , Fortaleza. 2012.

LEMOS, FERREIRA. INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT UMA HISTÓRIA CENTENÁRIA. Revista Benjamin Constant. Edição 01 - Setembro de 1995.

LIMA, BERQUÓ. Museu Através do Toque: a Inclusão Social da Pessoa com Deficiência Visual. Revista Benjamin Constant. Edição 51 - Abril de 2012.

MATTOSO, V. A. Ora, direis, ouvir imagens? Um olhar sobre o potencial informativo da audiodescrição aplicada a obras de artes visuais bidimensionais como representação sonora da informação em arte para pessoas com deficiência visual. Mestrado Acadêmico em Ciência aa Informação - UFRJ - IBICT : Universidade Federal do Rio de Janeiro , Rio de Janeiro. 2012.

Nogueira, A. C. F.; Lygia Clark - uma experiência de arte na vida de jovens cegos. Mestrado acadêmico em educação, arte e história da cultura instituição de ensino: universidade presbiteriana Mackenzie , São Paulo. 2011.

OLIVEIRA, Cassandra Melo; NUNES, Carlos Henrique Sancineto da Silva. Instrumentos para Avaliação Psicológica de Pessoas com Deficiência Visual: Tecnologias para Desenvolvimento e Adaptação. Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 35, n. 3, p. 886-899, set. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000300886 >. acesso em 15 out. 2015.

Oliveira, U. T. A importância da arte na inclusão escolar e no desenvolvimento de pessoas com necessidades educativas especiais - deficiência intelectual. Mestrado acadêmico em educação instituição de ensino: universidade federal do Espírito Santo , Vitória. 2012.

SELAU, Bento. Inclusão na sala de aula. 1°ed. Porto alegre: Evangraf, 2007.

SELAU, KRONBAUER, PEREIRA. Educação Inclusiva e Deficiência Visual: Algumas Considerações. Revista Benjamin Constant. Edição 45 - Abril de 2010.

TELFORD, C.; SAWREY, G. M. O indivíduo excepcional. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

TELFORD, C.; SAWREY, G. M. O indivíduo excepcional. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

VASH, C. Enfrentando a deficiência: a manifestação, a psicologia, a reabilitação. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1988.

VASH, C. Enfrentando a deficiência: a manifestação, a psicologia, a reabilitação. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1988.

9. APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1 - Eu gostaria que vocês falassem pra mim o porquê de vocês fazerem teatro

2 - Eu queria que você falasse um pouco sobre o porquê participar do olhares o que que o grupo hoje representa na vida de vocês.

3 - O que vocês me dizem se um dia o projeto acabasse como você reagiria?

4 - Então seu projeto acabasse aqui na UFSCAR vocês continuariam?